Master Negative Storage Number

OCI00047.15

Santisteban, Gómez de

Verdadeira historia do infante D. Pedro

Porto

1892

Reel: 47 Title: 15

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCI00047.15

Control Number: ABJ-0106
OCLC Number : 07559949
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 16
Author : Santisteban, Gómez de.
Title : Verdadeira historia do infante D. Pedro de Portugal : o qual andou as sete partidas do mundo / feita por Gomes de Santo Estevão ...
Imprint : Porto : Livraria Portugueza de Joaquim Maria da Costa, 1892.
Format : 14 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : "Verdadeiro retrato do Infante D. Pedro de Portugal."
Note : Caption title: Historia do Infante D. Pedro de Portugal.
Subject : Pedro, Infante of Portugal, 1392-1449.
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/20/94
Camera Operator: AR

COLLECÇÃO DE HISTORIAS POPULARES
N.º 4

VERDADEIRA HISTORIA
DO
INFANTE D. PEDRO DE PORTUGAL

O QUAL ANDOU AS SETE PARTIDAS DO MUNDO

Feita por GOMES DE SANTO ESTEVÃO, um dos doze que foram na sua companhia

VERDADEIRO RETRATO DO INFANTE D. PEDRO DE PORTUGAL

381
No. 16

1892
Porto — Livraria Portugueza — Editora
DE JOAQUIM MARIA DA COSTA
55 — Largo dos Loyos — 56

AUG 21 1971

Typographia de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 76.

Historia do Infante D. Pedro de Portugal

CONTADA POR

GOMES DE SANTO ESTEVÃO

UM DOS COMPANHEIROS DO INFANTE

De como o infante D. Pedro de Portugal partiu da Villa de Barcellos, para ir ver as sete partidas do mundo.

O infante D. Pedro foi filho de el-rei D. João, o primeiro d'este nome, o qual era conde de Barcellos, e foi muito desejoso de ver terras. Tendo determinado ir ver as sete partidas do mundo, saiu um dia á tarde com os seus, estando em Barcellos, que foram sete dias; depois de ter companhia para saber as partidas do mundo, se lhe offereceram muitos para ir com elle, mas não quiz levar comsigo senão doze companheiros, em lembrança dos doze apostolos, com elle treze, como nosso Senhor Jesus Christo com os seus discipulos. Partimos de Barcellos para pedir licença a el-rei de Portugal, seu pae. que lhe pezou muito de que seu filho quizesse passar áquellas partes; mas emfim lhe deu licença com muito grande tristeza, e lhe deu doze mil peças de ouro.

De como o infante D. Pedro foi a Valhadolid fazer reverencia a el-rei de Castella, seu tio.

D'alli partimos para Valhadolid a fazer reverencia a el-rei D. João, o segundo de Castella, e como el-rei soube que seu sobrinho queria passar o levante, para saber as sete partidas do mundo teve mui grande prazer, e mandou-lhe dar cinco mil peças, e deu-lhe um lingua qúe se chamava *Garcia Ramires*, o qual era pratico no latim, grego, hebraico, caldeo, turco, arabio, indiano, e outras mais. O dito *Garcia Ramires*, teve grande prazer por ir comnosco. Foi el-rei acompanhar-nos até uma legua de Valhadolid, e alli se despediu d'elle o infante D. Pedro.

De como o infante chegou á cidade de Veneza e alli nos embarcamos.

Logo fomos nosso caminho direito á cidade de Veneza, vendémos as cavalgaduras em um logar perto da cidade, embarcamos em uma nau, na qual passamos até ao reino de Chypre, e alli fomos fazer reverencia á rainha da cidade de Nicocia, a qual estava mui triste por seu marido, que o tinham preso os turcos; e disse-nos: «Amigos, de que geração sois?» Fallou *Garcia Ramires*, e respondeu: Somos vassallos de el rei de Leão, de Hespanha e entre nós vem um seu parente. Disse a rainha: «Prouvera a Deus que a provincia de el-rei de Hespanha estivera perto do nosso senhorio, e nos puderamos soccorrer uns aos outros, porque assim seriam os inimigos da fé menos poderosos.»

De como partimos de Chypre, fazer reverencia ao gran-turco á cidade de Mandua.

Alli pedimos licença para ir adiante, e fomos á Turquia á cidade de Mandua, cuidando achar o gran-tnrco e não o achamos. Fomos então á cidade Patrasso, onde elle estava, e alli lhe fizemos reverencia. Perguntou-nos elle: «De que geração sois?» Fallou o lingua e disse que eramos pobres companheiros, e tinhamos vontade de ir ver todas as provincias e reinos do mundo; mandou que passassemos salvo conducto, e nos fossemos na benção do Creador. Alli pagamos vinte e seis peças de ouro, duas por cada um, e pedindo-lhe licença para passar por sua provincia mandou ir dois guias comnosco. E d'alli fomos á cidade de Constantinopla, que é de cem mil visinhos. Primeiro que entrassemos na cidade atravessamos tres palanques de fossos, e quatro cercas, porque se temia do gran-mestre de Rhodes, e estava fortificado de maneira que não se podesse entrar. Alli nos tomaram os regedores da cidade e nos entregaram a um estalajadeiro, e foi um companheiro á praça, e trouxe duas postas de dromedario por não haver vacca nem carneiro, e havia falta de mantimentos; pedimos licença aos regedores para nos irmos, porque não podiamos sair sem ella, partimos d'alli, e atravessamos pela terra dos gregos e macedonios, passamos um deserto de quatorze jornadas, subindo uma grande serra, d'oude apparecia a terra de Jerusalem, e andamos perdidos muitos dias. Depois chegamos a uma ermida, e achamos n'ella um beato, que nos disse fossemos fazer oração, e vimos dentro mais de vinte corpos mirrados. Perguntamos ao beato que homens eram aquelles? Disse que eram reis e principes d'aquella terra. e depois convidou-nos para ir comer. E ao outro dia disse que não passassemos por aquella terra da mão esquerda, porque era do norte da Noruega, onde não havia no inverno mais do que quatro horas no dia, e vinte noite. Partimos d'alli por grandes serras, e

AUG 15

sertos cheios de neves, e caminhamos alguns dias com muito trabalho, assim por serem pequenos, como pelo grande frio que fazia, não fomos ávante. Andamos tres jornadas de dromedario, que são quarenta legoas a jornada que anda cada um dromedario, e leva sobre si quatro homens, com todo o necessario para elles, pão, agua, mel, manteiga, figos, passas, e outras coisas necessarias, com tres ou quatro saccos de tamaras para o dromedario comer, por que não come outra cousa. Ha umas bolas de algodão para metter nos ouvidos dos homens que vão n'elles ao redor das orelhas, porque se fossem de outra maneira perderiam o sentido com o grande estrondo que faz o dromedario; tem cestos feitos, como de aguadeiros, e em cada cesto vae um homem atado pelo corpo, porque não os derribem com a grande força que levam.

De como fomos a Babylonia fazer reverencia ao gran-Babylão

D'alli fomos a Babylonia a povoada, e fizemos reverencia ao gran Babylão, que é filho do sultão, o qual perguntou de que geração eramos, pois andavamos pela provincia sem licença, e que dissessemos a verdade se entre nós vinha algum principe ou rei. Fallou o lingua e disse: «Nunca Deus queira que entre nós venha tal homem. Somos pobres companheiros vassallos de el-rei de Hespanha; é nossa vontade ir ao preste João das Indias». Mandou-nos que repousassemos, que queria ouvir novas de el-rei de Leão, para saber se era tão grande como se dizia. Alli nos deteve quatorze dias, contando nos novas do Poente E então disse *Garcia Ramires* que nos desse licença para irmos adiante; mandou que fossemos, e que não pagassemos salvo conducto, por amor de el-rei de Leão de Hespanha, e ordenou que nos dessem quatro mil peças de ouro.

Como partimos de Babylonia para visitarmos a Terra Santa

Partimos d'alli para a provincia de Centurio, que não sustenta lei nenhuma. E quando nasce uma creança d'ahi a nove dias lhe põem uma verga de ferro na cabeça, e assim fica com pouco juizo, mas mui forte da cabeça. Logo fomos para a terra dos alarves que não tem povo, nem casa, nem logar certo e de tempo a tempo se mudam pelas montanhas. Comem carne crua e hervas, e andam nus. Saimos d'esta gente, que é sem razão, e fomos a Anamins por ver a fonte do rio Jordão onde S. Paulo foi baptisado, e alli pagamos um cruzado cada um, e ganha cada pessoa cem quarentenas de perdão. D'alli fomos a Nazareth, d'onde foi a linhagem de Nossa Senhora, e alli pagamos outro cruzado por cada um.

D'alli fomos ao castello de Emaús, d'onde saiu a asninha em que foi fugindo nossa Senhora com o Menino Jesus para o Egypto; alli pagamos, entre dois um cruzado. E alli fomos ver a palma que se baixou á Virgem Maria, da qual colheu tamaras para seu filho; ao pé da palma está uma fonte que se abriu da qual bebeu a Virgem e S. José. D'alli fomos a Belem, ondo nasceu o Menino Jesus e vimos o presepio onde foi deitado e a sepultura de S. Jeronymo debaixo do presepio; pagamos a cruzado cada um; ha indulgencias plenarias D'alli fomos ao valle de Josaphat; andamos por elle, e vimos a sepultura de nossa Senhora onde os apostolos faziam a vigilia quando os anjos subiram ao céo e o mormento ficou assignalado conforme ao tumulo do corpo; e ficaram ao redor as pegadas dos apostolos por despedida, e disse *Garcia Ramires*: Aqui havemos de ser julgados no dia do juizo. Deixemos aqui um signal onde estamos juntos. E respondeu D. Pedro: «Nunca Deus queira que taes signaes fiquem n'este logar»; e estranhou muito aquellas palavras, dizendo que era tentar a Deus.

De como o infante D. Pedro entrou na cidade de Jerusalem

D'alli fomos á cidade de Jerusalem, e levando-nos dois guias ao baixo que assim é chamado *Cural*, onde moram os christãos. Folgaram muito de nos ver, e perguntaram-nos de que terra eramos. Respondemos que eramos vassallos de el-rei de Hespanha, e queriamos ver o santo sepulchro; logo nos levaram ao templo, e fazendo oração, entramos a fazer reverencia ao guarda do mosteiro, em que estão doze frades em lembrança dos doze apostolos, e com o guardião treze, e tiveram grande alegria e consolação comnosco. Alli soubemos como poderiamos ver o sepulchro, e foi o guardião comnosco onde estava o mouro que o guardava, e lhe demos vinte peças cada um por ver o santo sepulchro; em cima d'elle estava uma capella em que não podiam caber mais de tres homens, a saber, sacerdote de missa, diacono e subdiacono. Debaixo está o santo sepulchro a tres degraus, e ao terceiro está o mouro que guardava a entrada á porta debaixo e á entrada hão-de se abaixar para poderem entrar, e ahi recebe cada um dos que entram uma bofetada por vituperio da mão do mouro. Em a pessoa entrando cerra o mouro a porta por fóra com a chave, e como lhe pareça que terão feito oração, e visto o santo sepulchro, abre logo a porta para sair, e se não paga salario ha de soffrer sessenta açoutes crueis, dados pelo dito mouro.

D'alli fomos ao monte calvario; vimos o buraco onde foram assentes as cruzes de nosso Senhor Jesus Christo, e dos dois ladrões. D'alli fomos á casa de Annás, e onde judas deu a paz a Christo, e oitenta passos em comprido do logar em que lhe deu a paz nunca nasceu herva nem se viu pó, e toda a terra se tem em côr de Sangue. D'alli fomos a Jeru-

a antiga onde se tratou da morte de Christo. D'alli fomos á casa de Annás, e pagamos entre todos, doze cruzados, por vêr a cadeira onde Annás estava sentado. D'alli fomos á casa de Simão Leproso, onde veio a Magdalena com o unguento com que ungiu os pés de Christo.

Depois fomos a casa de Isabel, que estava na rua Tenebrosa, por onde levaram a Jesus Christo com a cruz ás costas, quando foi a crucificar.

D'alli fomos ao templo de Salomão, e não nos deixaram entrar dentro; porque os mouros teem alli a sua mesquita, e não consentem que entrem alli christãos. D'alli fomos ao logar onde S. João Baptista fazia oração e onde dormia, pagamos um cruzado e é perdoada a culpa e pena. D'alli fomos á casa de S. Joaquim, pae de nossa Senhora e não ha casa em Jerusalem mais conhecida, porque a fronteria é feita de grandes e formosas pedras. E d'alli fomos fóra da cidade á cova onde chorou S. Pedro, e se arrependeu quando negou a nosso Senhor Jesus Christo e pagamos quarenta dinheiros cada um. D'alli fomos a Gallilêa, onde appareceu nosso Senhor, depois que ressuscitou, a seus discipulos, e d'alli fomos ao valle Ecrem, que está a outra meia legua da cidade, onde está enterrado Adão D'alli fomos ao logar onde cortaram a cruz em que crucificaram Christo. E d'alli fomos ao horto de Jericó que está a meia legua de Jerusalem. Depois, fomos ao monte Thabor, onde foi transfigurado nosso Senhor diante de S. Pedro, e S. Thiago e S. João; e quando uma pessoa está em cima de terra, a qualquer parte que olha vê a terra coberta de neve, e apparece uma sepultura mui grande, e quando a gente chega perto, desapparece a neve e a sepultura; e tornando depois a olhar logo torna a apparecer; que não é nosso Senhor servido que os homens saibam onde está o corpo de Moysés. E d'alli fomos ás terras de Artador, onde está a sepultura do propheta David. E fomos ao campo Gigante, onde está sepultado o propheta Daniel. Fomos ao campo de Josephá, onde Jeremias está enterrado. E d'alli fomos onde foi tentado nosso Senhor e está alli sepultado Zacharias. E alli vimos o deserto onde jejuou o Senhor a quaresma. E depois fomos ver onde se enforcou Judas.

Como partimos de Jerusalem para a serra de Armenia onde está a arca de Noé.

Logo partimos para a serra Armenia onde está a arca de Noé, e esta é a terra que mana leite e mel. O leite é dos animaes grandes e pequenos, assim como martins, camafeus, bufalos, unicornios, elephantes, camélos, dromédarios, tigres, onças, e outros muitos. A terra é muito abundosa de herva, e estes animaes são tão viciosos que os filhos não podem mamar quanto leite as mães teem e andando pelo deserto lhe anda cahindo das tetas. E são tão grandes as abelhas, que criam o mel pelas arvores, penedos e pelas aberturas da terra que se derrama o mel pelo chão, por isso se diz que aquellas terras manam leite e mel.

N'estes desertos não bebem as bestas bravas senão aguas embalsamadas de lagos, porque não ha outras, as quaes estão cheias de muitos animaes peçonhentos, que n'ellas bebem e andam; a saber: dragos, serpentes, lagartos, escorpiões, cobras e viboras, que são chamadas volantes, porque dão grandes saltos, e tem tres varas de comprido, e quando querem morder se levantam da terra, e saltam muito alto. E poz nosso Senhor tal guarda e natureza nos outros animaes por causa d'estas peçonhas, que chegando ao redor da agua não ousam beber d'ella, até que venha o unicornio, e como o veem vir, desviam-se da agua, e mette o corno dentro d'ella e logo os animaes bebem, porque fica a agua livre da peçonha.

Estas serras da Armenia são mui altas, e gastamos em subil as dia e meio, e por entre as serras passa um rio mui corrente, onde se acham pedras preciosas finas; entre estas serras está atravessada a arca de Noé, e da humidade do rio está a arca coberta de hervas, e do esterco das aves, está branco como a neve, e nenhum de nós pôde chegar junto á arca, por cauza dos grandes bosques e altas serras que alli havia.

De como o infante foi fazer reverencia a el-rei da Armenia, e visitou a casa de Santa Maria Egypciaca.

D'alli fomos fazer reverencia ao rei dos armenios, que ficou maravilhado, e perguntou de que nação eramos. Fallou *Garcia Ramires*, nossa lingua, e disse: "Somos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, e entre nós vem um seu parente.„ Elle folgou muito de ouvir novas de el-rei, e mandou-nos dar boas pousadas, e fez nos deter alli vinte dias. E depois pedimos licença, e disse que fossemos com a benção de Deus. Pouco tempo havia que elle tinha saido do captiveiro, pelo que estava pobre, comtudo mandou-nos dar cem peças de ouro. D'alli fomos á sepultura de Santa Maria Egypciaca, que está d'aquella parte do rio Jordão entre umas serras mui grandes, e despovoadas, onde esta santa fez penitencia, e estivemos alli nove dias.

De como fomos onde estava o gran sultão do Egypto em Babylonia

Vamos depois ao Egypto, que é uma provincia, e fomos á cidade de Babylonia fazer reverencia ao gran sultão. E como soube que eramos do Poente, teve gran de prazer, porque tinha nascido em Castella em Villa Nova

de Serena e era filho do mestre Martins, e da Barbuda, e disse-nos que el-rei de Granada mandara muitos mouros a correr a terra, e o captivaram a elle com outros muitos, e o passaram a Fés, e o tornaram mouro, e foi tão valente e estimado, que chegou á ventura de sultão. Estando nós alli, cavalgou em um dia de S. João, e iam com elle até quarenta mil cavalleiros, e guardavam-os tres mil elches renegados mui valentes, e a par d'elles iam alguns romeiros christãos para o vêr. E chegou um mouro da guarda, que era dos cavalleiros, a um romeiro e deu-lhe uma bofetada sem razão, e foi dito ao sultão aquelle mau feito. E quando tornamos por alli achamos o mouro atravessado em um pau, posto ao alto. Isto mandou fazer o sultão, dizendo, que se não guardasse justiça aos peregrinos, não passaria nenhum a Jerusalem. Alli pedimos licença para passar adiante. Disse-nos que fossemos com a benção de Deus, e que não pagassemos couza alguma, e mandou-nos dar guardas para atravessar a terra do Egypto mui seguramente. E d'alli atravessamos um deserto de oitenta legoas, e chegamos á cidade de Penora, e fomos fazer reverencia a el-rei e nos perguntou se entre nós vinha algum principe. Respondemos que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, que nossa vontade era ir vêr o monte *Sinay*. Disse el-rei que não diziamos a verdade, e mandou-nos prender, e cada dia nos fazia perguntas, que dissessemos a verdade, que mais nos valia que padecer a morte. Disse o lingua que fallavamos verdade, no que sempre dissemos: quando el-rei isto ouviu, mandou que pagassemos salvo conducto, e que fossemos nosso caminho. D'alli fomos á cidade de Sabrança, que era de el-rei *Canonhom*, e fomos fazer-lhe reverencia á cidade do gran Cairo, que é de quatro centos mil visinhos, e tem cinco cercos; e a fortaleza é feita de pedras agudas á feição de pontas de diamantes. E saindo d'esta cidade, atravessamos um deserto de trezentas leguas, e fomos á cidade de Assião. Pedimos licença ao regedor para vêr a cidade. Disse-nos que pagassemos salvo conducto, e a vimos toda. Alli estivemos quatorze dias, descançando e vendo a cidade que é de duzentos mil visinhos. D'alli fomos a Fautaleão, que é uma cidade de seiscentos visinhos, passa por alli um rio, que vem do Paraizo terreal, chamado Frison. O regedor da cidade vinha de fazer montaria, trazia um elephante morto em um carro; pelo qual puxavam doze camêlos. Alli nos teve o regedor doze dias, ouvindo novas de Hespanha.

De como o infante foi fazer reverencia ao gran Morate, d'alli passamos onde estava o gran Tamaroleque.

D'alli fomos fazer reverencia ao gran Morate á cidade de Capadocia; e mandou-nos que logo nos fossemos da sua terra.

Atravessamos pelo deserto de Ninive, e fomos á cidade do Samasa, que é do Gran Tamaroleque, e entramos pelos arrabaldes, que serão em comprido uma legua. E chegando á porta da cidade, fallou *Garcia Ramires* com uns mouros, e disse: "Qual de vós outros nos quer mostrar a casa do gran Tamaroleque, poderoso da porta de ferro?" E um d'elles se concertou comnosco, e nos levou pelas ruas: e andamos desde pela manhã até á tarde, primeiro que chegassemos aos paços.

E como fomos chegados, perguntou-nos o porteiro de que geração eramos. Fallou *Garcia Ramires* e disse: "Somos vassallos de el-rei de Hespanha, do Poente;„ o porteiro nos abriu a porta, e entramos na sala onde estava o gran Tamaroleque sentado em um rico estrado; e antes de chegarmos a elle trinta passos, pozemos os joelhos em terra, juntamente todos, e pozemos as mãos no chão, e levantamo-nos, e andamos dez passos, e tornamos a pôr os joelhos em terra, e beijando as nossas mãos, levantando-nos chegamos perto dos pés do Tamaroleque, e pozemos outra vez os joelhos em terra, e demos-lhe paz nos joelhos, e por ser tarde mandou nos dessem pousada e todo o necessario. E ao outro dia mandou-nos chamar, que ia a sua mesquita, e para que vissem como ia acompanhado. Diante d'elle iam oito mil cavalleiros, e logo quatro mil senhoras de esporas douradas calçadas e ao pé de cada uma d'estas senhoras iam uns mouros com casacas compridas; estes como pagens, e após d'estes ia o rabi maior da mesquita com perto de trezentos alfaquins, cantando com musicas a seu costume e detraz d'estes iam doze mouras attrahidas, com ricos atavios; duas tangiam dois cravos, outras duas, alaúdes, outras harpas e todas descantavam suavemente. As outras seis descantavam diante do Tamaroleque, e iam até trezentos homens puxando por cordões de fina seda, que estavam atados em um carro triumphal, e em cima do carro ia uma rica cadeira de ouro massiço toda encastoada em pedras preciosas, e dos pés da cadeira iam quatro vergas de ouro, sobre ellas uma cortina de brocado bordada a perolas; e elle ia dentro assentado na cadeira, e os homens tirando pelos cordões com muito tento, e detraz do Tamaroleque iam mais de seis mil cavalleiros para a rectaguarda, e d'esta maneira fomos até á sua mesquita. Mandou a dois cavalleiros que andassem comnosco pela mesquita, e que nos mostrassem tudo.

Depois vimos toda a mesquita e tornamos a acompanhar o Tamaroleque, o qual com o mesmo concerto e ordem tornou para os seus paços. Não usa o Tamaroleque comer em cousa alta, mas tem no chão uns gadamecins mui ricos, e alli põe seus pratos de ou-

ro e prata, cheios de comidas, e ao redor dos pratos põe uma almofadas riquissimas e sobre ellas uns guardanapos para limpar as mãos.

E mandou o gran Tamaroleque, que para nós outros vassallos de el-rei de Leão de Hespanha pozessem outro assento com seus pratos, e que não os pozesse em roda, como a elle, mas ao comprido assim como tinhamos de costume, e deram-nos muitas fructas diversas, a saber: leite, manteiga, passas, romãs, e tamaras; e depois trouxeram-nos muitos manjares de carne: mas nós como era sexta-feira, não ousamos comel-a: e disse *Garcia Ramires*, que nunca Deus quizesse que em tal maneira peccassemos contra o Senhor Deus, e disse ao gran Tamaroleque: «Senhor a nossa lei nos defende para que comamos n'este dia carne, e se sua senhoria manda que a comamos, de nós outros será encarregado.» Respondeu o Tamaroleque: «Nunca Deus queira, que por amor de mim quebranteis a vossa lei, que eu sei que é boa» e mandou-nos trazer outras viandas de peixe, e mandou que todas as iguarias que trouxessem ante elle nos pozessem, para que vissemos sua grandeza. Alli vimos carne de dromedario, de elephante, de bufalo, gallinhas, capões, carneiro, pavões, carne de unicornio, de marfim, falcões, e outras muitas diversidades, até carne de cabra, de lagarto, de lobo e rapoza, porque tudo se come n'aquellas partes.

Depois que acabamos de comer mandou que partissemos d'alli: e deteve-nos quinze dias para saber novas de el-rei de Leão que elle folgava muito de ouvir, e metteu-nos em um pomar que tinha quatro pedras, e no meio estava uma arvore que distilava balsamo, que seis homens não lhe abraçavam o pé; d'esta arvore saem cinco ramos, e de cada ramo cinco esgalhos ou pontas, e ao pé da arvore nascem tres vides, as quaes se podam cada anno, e d'esta nasce o balsamo.

N'esta provincia eria uma gallinha quinhentos a seiscentos pintos, porque a terra é muito quente e põem em cima de uma manta os ovos e depois os cobrem com esterco, e d'alli a tres semanas estão pintos gerados.

D'alli atravessamos um deserto de duzentas leguas, e fomos á cidade de Tarfo, que está a quatorze legoas de Sodoma e Gomorra. E fomos ter aos sitios d'estas cidades, nas quaes estavam feitas lagôas de agua negra cheias de carvão.

E dizem que aquellas cidades se submergirão pelos peccados da luxuria dos seus moradores. Aqui vimos a maçã, formosa fructa do mundo; mas se a partem, acham dentro carvão moido; e se á bôcca chegam a agua é mais amargosa que o fel e se lançardes no lago um pau, uma palha, ou outra cousa leve vae ao fundo, em quanto que o ferro ou outros metaes sobrenadam, o que parece cousa impossivel e contra a natureza.

D'alli fomos onde está a mulher de Loth a qual se chama n'aquella terra a má mulher, porque quebrou o mandamento de Deus. E está a meia legua de Sodoma feita pedra de sal, e mingua com a lua. E muitos animaes vem, e lambem d'ella, e toda a figura de mulher, e o rosto virado sobre o hombro, de modo que o virou para as cidades que se abrazaram por permissão de Deus.

De como chegamos a Arabia e fomos aos montes de Gelboé

Partimos d'alli e fomos ao reino da Arabia, cidade de Sabá, e alli achamos gente de muitas maneiras, e vimos geração que tinha corpos de homem e o rosto de cães.

E fomos fazer reverencia a el-rei; perguntou-nos de que provincia eramos e disse o lingua que eramos vassallos do rei de Leão de Hespanha. E mandou-nos estar a modo de presos uns dias, para saber se entre nós vinha algum principe; e quando viu que eramos todos uns, mandou pagassemos salvo conducto, que era cento e vinte e seis peças de ouro, e que fossemos em paz.

Alli compramos quatro dromedarios por trezentas peças de ouro, para atravessar os montes de Gelboé, onde foi vencido e morto el-rei Saul, e desde então nunca choveu nem cahiu orvalho n'aquelles montes. E os homens que alli morrem, se mirram, de que se faz carne momia, que serve em mezinha. Estão estes montes tão areosos, que assim como se muda o tempo, assim se levanta a areia.

De como chegamos ao Monte Sinay

Como passamos os desertos areosos fomos ao Monte Sinay, onde está o corpo de Santa Catharina. Entramos no mosteiro a fazer reverencia ao prior que era parente de el-rei de Hespanha; todos os seus frades, que seriam cento e oitenta, tiveram grande prazer comnosco: e d'estes frades são sessenta de missa, e os mais lavram a terra, e semeiam para mantimento do mosteiro. — O logar onde está o corpo de Santa Catharina é acima do mosteiro em uma penedia muito alta a qual dizem que feriu Moysés com a vara quando sahiu agua em abundancia para os filhos de Israel. Em um penedo está um grande signal, e esta agua não sae. Em cima d'esta penedia está uma egreja pequena, onde está a sepultura d'esta Sancta, e continuamente estão aqui dois frades de S. Francisco, que vigiam o corpo de Santa Catharina que alli está em carne e osso. Ao pé d'este penedo estão duas estacas, e uns calabres muito grandes atados n'ellas e em cima da parede da egreja de Sancta Catharina estão outras duas estacas, onde os calabres estão bem amarrados, e por elles á maneira de escada com seus degraus de corda sobem acima, que bem haverá cento e sessenta braças de alto, e os frades do mosteiro, de tres em tres dias lhes mandam tres com-

sas; pão e agua para os frades, e azeite para a lampada; isto mettem dentro d'uma cesta, a que tomam os de cima por uma corda que está no alto. E assim quando hão mister alguma coisa, escrevem um papel e mettem-o dentro da cesta, e debaixo olham o que querem e o mettem dentro, fazem signal que tirem ao de cima e logo sobem a cesta. Pedimos licença ao prior para subir acima, que de boa vontade a concedeu. E começamos a subir pela escada, e como nos sentiram os padres de cima, deitaram-se de peitos sobre os degraus do altar, que não lhe pudémos ver a cara. Entramos na egreja, a qual é feita de duas pedras só. O chão da egreja e os degraus do altar e sepulchro de Santa Catharina, onde está o prato em que cae o oleo do corpo da Sancta, tudo é uma pedra; e o portal da egreja, e a abobada, de outra pedra e d'onde está encaixada, é feito milagrosamente por mãos dos anjos. E subindo sobre os degraus se vê o corpo d'esta Santa em carne e osso que está mettido no altar meia vara para dentro. E para que se possa ver sem lhe tocar, está diante uma pedra a modo de rede, milagrosamente feita, e no altar celebram os padres missa. E alli se vê o oleo que lhe sae dos braços, o qual sára todas as enfermidades. Estivemos a fazer oração, e vendo a perfeição da egreja cinco ou seis horas, e depois descemos pela escada de corda para o mosteiro de baixo e D. Pedro pediu licença ao prior para passar adeante.

O prior lhe disse: «Pois vossa vontade é ir avante, olhae que haveis de passar por terras de infieis: e vós outros sois treze e se algum morrer, levae d'aqui treze tunicas em que sejaes enterrados.»

De como fomos á terra do gran Roboão e vimos a casa de Méca

Despedimo-nos do prior e padres, e fomos á terra do gran Roboão mouro, que é o maior rabi da casa de Méca, onde dizem estar o corpo de Mafoma, e mandou a dous mouros que fossem comnosco a Gudilfe, que era senhor da casa de Méca, e rei de Jerusalem, senhor dos Algarves e dos Fideos, Senhor do Braço direito dos mouros, rei de Fés, senhor dos Montes Claros, bebedor franco das aguas, passador das hervas dos reis pequenos, defensor da seita de Mafameda, e perseguidor perpetuo de Christãos. Levaram nos estes mouros com muita pressa, e fomos fazer reverencia ao gran Gudilfe e disseram-lhe como nos mandavam o gran Roboão a sua senhoria, para que fizesse de nós o que quizesse; porque eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, que conquistou a el-rei de Granada E disse o gran Gudilfe, que dissessemos a verdade, se entre nós havia algum parente de el-rei de Leão. Nós sempre negamos que na companhia não havia tal pessoa. Alli estivemos presos dez semanas, cada um em sua parte, que não sabiamos uns dos outros e não achando cousa alguma contra nós, mandou-nos soltar e que nos fossemos. Depois de soltos pedimos licença para vêr as cousas que alli havia, e vimos no paço uma sala e uma cadeira em que o gran Gudilfe se sentava, mui formosa maravilha, e uma meza de ouro em que comia pelas festas, na qual bem podiam caber cento e cincocnta homens. As pedras das salas eram encastoadas em esmeraldas e rubins e a camara era toda entalhada de unicornio e de marfim.

Pedimos licença para ir ver a casa de Méca; esta casa tem tanto de circuito como um logar de mais de dez mil visinhos. Entramos dentro da mesquita, e mandou o Gudilfe dois cavalleiros dos seus, que andassem em nossa companhia, e nos mostrassem. Vimos o sepulchro do seu falso propheta Mafoma, que estava em uma capella, pendurado no ar entre seis pedras imans de uma igualdade, e moimento de ouro; as pedras de cevar, sustentam o movimento no ar, porque tem a pedra iman esta virtude sustentar o ouro, e assim estava o sepulchro de Mafoma no ar.

De como fomos á terra das Amazonas da cidade de Souterra

Andamos por todos aquelles infieis com muitos trabalhos, e atravessamos grandes desertos. D'alli fomos á terra das Amazonas, que é uma provincia de mulheres christãs subditas ao preste João; fomos á cidade de Souterra fazer reverencia á rainha, princezas condessas e lavradores que lavram a terra, trabalham para abastecer as cidades, as quaes não vão á guerra. E em nos vendo vieram a nós as regedoras maravilhadas, disseram-nos: «Amigos, de que geração sois, que nunca vimos homens de vossa maneira?» Falou o lingua, e disse que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, irmão em armas do preste João. Perguntaram as regedoras. «Quem vos moveu a entrar por nossa provincia? por ventura entrastes para multiplicar, ou por que causas?» Respondeu o nossa lingua: «Nunca Deus queira que nossa vinda seja para esse effeito, mas nossa vontade é ir beijar a mão do preste João.» Estas mulheres não são como as de cá, porque não têm ajuntamento de homens se não em tres mezes no anno, a saber: em março, abril, e maio. N'estes tempos entram por suas terras homens das provincias que estão mais perto, a multiplicar; saem as regedoras a elles; perguntam-lhes se vêm a multiplicar, e lhes dão licença que entrem pelas villas e cidades. Os ditos homens andam olhando a mulher que melhor lhes parece, e aquelles tomam, e usam com ella como sua mulher, mas não ha de tractar com outra, porque se o acham, logo fazem justiça d'elle e d'ella.

Depois se a mulher pare filho, fazem-lhe cinco cruzes de fogo com um ferro,

qual que é christão, è em lembrança das cinco Chagas de Christo. Criam-nos tres annos, e depois os mandam d'alli com a gente que vem a multiplicar, e dizem: «Tomae, amigo, este menino, e dae-o em tal terra a fulano, dizei-lhe como é seu filho e que o crie lá». E se é femea dão-lhe o mesmo baptismo, e queimam-lhe a teta esquerda, porque, como são todas frecheiras de arco, lhes não estorve a teta o atirar, e com a teta direita criam seus filhos. Fallou o nosso lingua á rainha, e declarou-lhe como vinha um parente de el-rei de Leão de Hespanha, que ia visitar o preste João, e que sua alteza o favorecesse para passar seu caminho; disse a rainha: «Mando que dêem ao parente de el-rei de Leão de Hespanha, vinte marcos de ouro».

De como fomos a uma provincia de judeus que são sujeitos ao preste João.

D'alli fomos a uma provincia de judeus, e vimos o rio das Pedras, o qual cerca toda a provincia; não tem agua, senão umas pedras toscas e muito leves, sem comparação e quando ha vento as faz andar. Fomos á cidade principal dos judeus, que moram n'estas partes, que é chamada *Cananea*, e até a maior que ha em toda a provincia onde vimos os da tribu de Judá. E como nos viram de longe sairam a nós fóra da cidade, e perguntaram-nos d'onde vinhamos sem licença do maioral por alli; lançou mão de nós o procurador de *Cananea*, teve-nos presos nove semanas.

Esta provincia não tem rei, nem principe, nem senhor natural, e é sujeita ao preste João, e lhe paga de tributo cada anno cem dromedarios carregados de mantimentos, e cem peças de ouro e prata; porque os deixe viver em sua lei, e guardar o sabbado. O preste João, porque se não levantem os judeus, não lhes quer dar rei conhecido. E' terra mui abastada, e em cada cidade estão de armas que vigiam.

N'esta provincia não fazem os judeus as barbas, e trazem-as grandes, porque perderam a terra da promissão.

Depois que o procurador nos teve presos nove semanas, não achando em nós cousa alguma mandou-nos soltar, e que nos dessem pelo trabalho, que haviamos passado nas prisões, por ser em serviço do senhor preste João das Indias, novecentas peças de ouro para passar nosso caminho.

D'alli fomos á provincia dos Gigantes que são de nove covados de alto, e tão altos como grandes lanças. N'esta terra nunca morreu nenhum senão de velhice. D'alli entramos nas Indias, e fomos á cidade de Carçola, que parte com a provincia dos Gigantes, e perguntamos onde acharíamos o preste João, e [illegible] que na cidade de Carleo, que parte com o senhorio do gran sultão; mas não o achamos alli. Fomos á cidade de Alves a qual é uma das mais nobres e formosas do mundo, e alli o achamos.

Entrando pela cidade perguntamos pelos paços do preste João, e andamos pelas ruas desde pela manhã até á noite que chegamos aos paços. Dentro dos muros haverá mais de seiscentas casas de nobres com seus jardins cercados; e de uma outra rua taipa no meio, para não se passar d'uma rua á outra de noute. Fomos fazer reverencia ao preste João e primeiro que chegassemos a elle havia treze porteiros; os doze são bispos, e um arcebispo que está na camara do preste João. Chegamos á porta primeira, onde havia uma grande sala, e perguntou o primeiro porteiro de que geração eramos: Respondeu o lingua, que eramos vassallos de el-rei de Leão de Hespanha, seu irmão em armas, e que entre nós vinha um seu parente. O porteiro nos abriu a porta com grande alegria e entrando o infante D. Pedro, fez reverencia ao preste João, com os joelhos no chão, e beijou-lhe as mãos e o mesmo fez á rainha sua mulher, e a um seu filho, que era imperador da terra dos Goldras. Tirou D. Pedro as cartas que levava de el-rei de Leão de Hespanha, e pondo-as em cima de sua cabeça a deu ao preste João, o qual com o rosto alegre as tomou e mandou a el-rei d'Alvim que as lêsse; como foram lidas, mandou o preste João a D. Pedro que se sentasse á sua meza entre a mulher e seu filho, e acima de todos os reis, que comiam com elle; eram quatorze, e serviam a sua meza sete; e para nós mandou o preste João pôr outra meza. Esta sala em que comeu o preste João, é mui rica: porque as paredes eram de ouro e azul; o telhado era de cachos de ouro, o chão de pedras resplandecentes e a taboa da meza de diamantes.

Estivemos assim quatorze semanas. Cada dia lhe punham na meza quatro vasos de ouro. No primeiro estava uma cabeça de homem morto, porque visse que assim havia de ser elle. O segundo estava cheio de terra que assim havia de ser. O terceiro cheio de brazas, porque se lembrasse das penas do inferno. O quarto cheio de umas peras, que nascem entre os rios Tigre e Euphrates, porque vejam o milagre, que está dentro d'estas peras, nas quaes partidas pelo meio, apparece dentro a imagem do Santo Crucifixo.

N'esta terra os clerigos são casados com moças virgens, e se elle morre, a mulher não póde casar outra vez; e se lhe morre a mulher ha de guardar castidade; e se a não guardar, logo os mandam matar; em cada igreja ha dois clerigos e um altar com algumas imagens, e a do Santo Crucifixo. Estes clerigos são semanarios; sabbado vae um ao outro, estava na igreja confessa-se com elle e recebe tambem o sacramento e o outro se vae para sua casa a fallar com seus freguezes, e fal-os ir á igreja para que se confessem, e recebam

o corpo de nosso Senhor Jesus Christo. Quando o preste João vae fóra, leva diante de si treze cruzes; as doze em lembrança dos doze apostolos, e a outra com o Crucifixo, significa Jesus Christo. Fomos ver o corpo de S. Thomé e mandou o preste João dois cavalleiros comnosco, que nos mostrassem o sepulchro do Santo o qual está em cima do altar, assim como está posta a imagem, o braço, e mão com que tocou o lado de nosso Senhor; e está tão fresco como se estivesse vivo.

Na vigilia de S. Thomé tomam uma vide secca, e põem-lha na mão, desde horas de vespera até á noite: deita a vide de si tres ramos; e cada ramo dá tres cachos de agraço; desde a noite até matinas são estes agraços bem limpos; e desde matinas até á missa vem amadurecer; e tiram d'elle mosto com que celebra o preste João n'este dia, e não diz missa em outro algum senão de *Corpus Christi* e de Santa Maria de Agosto. Quando fallecer o preste João, não póde ninguem ser preste por linhagem, nem por senhorio, senão pela graça de Deus e pelo Santo Apostolo, que escolheu, como logo diremos.

De como elegem o preste João das Indias

Ajuntam-se todos os clerigos na cidade de Alves e andam em procissão ao redor do Apostolo, e para aquelle que ha de ser preste senhor de todos, estende o Apostolo o braço, e aponta com o dedo, e então o tomam todos os outros com grande solemnidade: chegando onde está o Apostolo aquelle que ha de ser preste João vae com muita humildade beijar a mão a S. Thomé e todos os outros, que junctos estão beijam a mão ao preste João, tomam a cinta de Santa Maria a qual deixou nossa Senhora quando subiram os anjos do ceu, põem duas vergas de ouro atravessadas por cima e vão até ao altar de S. João; e d'esta maneira é elegido o preste João. Disse D. Pedro ao lingua: "Dizei ao preste João que nos dê licença que minha vontade é de passar adiante." Respondeu o preste João que não quizessemos passar d'alli, porque poderiamos chegar a terra a que não acharíamos geração; que são sepulturas os filhos dos paes, e os paes dos filhos porque comem uns aos outros. Estes hão de vir com o Anti-Christo, porque são mui crueis, e moram entre serras mui altas. Disse D. Pedro, que sua vontade era ir ao diante até que mundo não houvesse mais nação quando o preste João viu que tentação era de nos irmos, mandou que nos désem seis dromedarios, e dois linguas que nos servissem de guia.

Partimos d'alli uma segunda-feira, e atravessamos a cidade de Edicia, até ao Paraizo terreal, por desertos em que fizemos dezesete jornadas, e cada uma de quarenta legoas, que anda o dromedario em cada dia, e nunca achamos povoado; nem gente em seiscentas e oitenta leguas. N'estes desertos não ha caminhos que guiem as pessoas, e chegando nós á vista do Paraiso terreal, os guias que nos deu o preste João nos deixaram passar adeante.

D'alli viemos ao rio Tigre e Euphrates, Gion e Pison, que sahem do Paraiso terreal. Pelo Tigre sahem ramos de oliveira e cypreste, pelo Euphrates sáem palmas, pelo Gion sáem hortenes, e pelo Pison sáem papagaios em ninhos pelas aguas, porque d'estes rios se mantem todo o mundo de aguas, por que d'estes nascem outros rios.

D'alli fomos ver as arvores das peras, que estão entre o Tigre e Euphrates, que são duas, cada uma dá cada anno quarenta peras e nunca dão mais nem menos, e isto significa quaresma. Estas peras se entregam ao preste João e se repartem pelos senhores principaes para os confirmar na fé de Christo; porque quando se partem estas peras em cada pera apparece o Santo Crucifixo, e nossa Senhora com seu filho nos braços.

Fomos a uma provincia, onde havia gente que não tem mais que uma perna, e um pé redondo, e vimos carneiros com oito pés e seis cornos.

D'alli fomos a uma provincia dos Pintos que são uns homens muitos pequenos como meninos de cinco annos, e tem guerras com grandes bandos de passaros, que vem comer as suas novidades.

Tornamos para o preste João, o qual teve grande prazer quando soube que eramos chegados; estivemos alli trinta dias. E disse D. Pedro ao preste João: "Pois vossa alteza sabe que sou parente de el-rei de Hespanha, e vim ver todas as terras do mundo, faça me a mercê de me dar soccorro para me tornar ao Poente. E mandou o preste João que nos dessem nove mil peças e uma carta que elle mesmo mandou fazer a qual contem muitas cousas notaveis e diz assim:

Carta que mandou o preste João das Indias em que conta cousas d'aquella terra.

Preste João das Indias, rei de muitos reinos, etc. Fazemos saber que nós cremos em Deus Padre, Filho e Espirito Santo, tres Pessoas e um só Deus verdadeiro. A todos os que desejar saber que cousas ha em nosso senhorio, vos dizemos, que temos sessenta reis nossos vassallos e aos pobres da nossa terra os mandamos manter de nossas rendas. Haveis de saber que as nossas partidas são tres: India menor, Abixins, e India maior, e n'ella está o corpo de S. Thomé, apostolo.

Sabei que n'esta terra nascem os elephantes, camelos, leões e grifos, os quaes tem grandes forças, que levam voando um bezerro para que comam seus filhos. Estes animaes e outras especies de serpentes, andam no deserto e os dromedarios e os camelos quando

são pequenos os tornam nossos vassalos, e os fazem mansos para lavrar a terra, e andar caminhos. Temos gente em uma provincia, que não tem senão um olho, e outra gente, que tem dois olhos adeante e dois atraz: e quando algum morre os parentes o comem: são chamados *Gostes* e *Mangostes*, vivem detraz de umas serras mui altas: dizem que nunca d'alli sairão até que venha o Anti-Christo, e então sairão com grande furia; e são tantos que os não poderão vencer as gentes do mundo, mas só Deus mandará do ceu com que serão abrazados por suas crueldades. Em outra provincia ha gente que tem um pé redondo; não são para pelejar, mas são bons lavradores. E ha outra geração, que não não maiores os homens e mulheres que meninos de cinco annos, e não teem trabalho senão quando hão-de segar o trigo, porque vem uma manada de grandes passaros e sáe o rei d'elles á batalha e aquellas aves não se querem ir até que matam muitas d'ellas. E perto d'estes ha outros que são homens da cintura para cima, e cavallos da cintura para baixa, comem carne crua, vivem de caçar e habitam no deserto como animaes. Mandamos trazer alguns d'estes para que estejam em nossa côrte.

Temos mais em nossa terra cem castellos mui fortes, e em cada um quatro mil homens d'armas, que guardam paços e fronteiras d'aquella nação cruel de Gote e Magote, se saissem fóra d'aquellas serras destruiriam o mundo

Quando nos vamos banhar fazemos levar diante de nós uma cruz, por que nos lembramos d'aquella em que foi posto Nosso Senhor Jesus Christo, e levam adeante de nós uma tumba de ouro que vae cheia de terra.

E sabei que ninguem ousa mentir onde está o apostolo S. Thomé porque logo subitamente é castigado por milagre, e nas outras partes logo o damos por desleal, porque Deus mandou que cada um amasse o proximo em boa lealdade, e não fizesse engano com os que fazem fornicio que se os prendem n'esse peccado logo os matamos.

Outro sim, nós iamos cada anno visitar o sepulchro dos Santos Profetas antigos; e iamos a Babylonia em castellos feitos sobre elephantes (por causa de muitas serpentes, dragões, leões, tigres e onças que ha no deserto) a visitar o sepulchro do propheta David.

Tambem senhoriamos uma provincia de gigantes, que nos pagam tributo, e são homens tão altos como lanças; e se assim como elles são grandes fossem bellicosos e guerreiros, podiam conquistar o mundo; mas Nosso Senhor lhe poz tal embargo, que não se entreteem senão em trabalhar e lavrar a terra: isso lhes veio porque queriam fazer a torre de Babylonia, dizendo que por ella subiriam ao ceu. D'estes temos alguns em nossa côrte, para que os vejam os estrangeiros.

Os nossos paços são da maneira que os figurou o apostolo S. Thomé e el-rei Gudilfredo nas portas de cedro do Libano, e as janellas de Crystal. Ante o nosso paço temos um terreiro d'onde se encaramuçam nossos donzeis. No apozento onde dormimos, arde uma alampada de balsamo porque dá bom cheiro, e os leitos em que dormimos são encastoados em saphiras; isto fazemos por castidade. Em nossa casa assistem ordinariamente doze reis, doze arcebispos, doze bispos e doze patriarchas; temos tantos abbades em nossa capella como de dias tem o anno. Cada um diz sua missa por ordem em seu dia, e depois que a tem dito vão para um mosteiro, em rasão de hosnestidade e recolhimento, porque em cada sacerdote deve haver humildade. Sabei que em dia de Natal, Resurreição, Ascenção e Nascimento de Nosso Senhor, estamos em nossa corte, temos corôa mui nobre n'estes dias, e fazemos prégação ao povo e outras solemnidades que duram todo o dia; e á noite ceiamos tão abastados, como se comeramos todas as viandas do mundo. Estes milagres, e outros muitos faz Deus por intercessão do bemaventurado S. Thomé. Estas cousas escrevo eu aos d'essas partes, para que saibam o que se passa n'estas Indias.

Como o preste João viu que nós queriamos partir de sua companhia, suspirou e disse: "Quanto bem nos fizera Deus nosso Senhor se estivera perto de el-rei de Leão de Hespanha, nosso irmão, para que os inimigos de Jesus Christo fossem destruidos, que tantos trabalhos nos dão em todo o tempo estas guerras crueis. Mas dizei a meu amado irmão el-rei de Leão d'Hespanha que se esforce como bom com a graça de Deus a manter seus reinos em verdade e justiça, que faça taes obras, que seja Deus servido; e de apparecer sem vergonha diante de seu rosto n'aquelle respeitavel dia de juizo. Agora ide com a benção de Jesus Christo, o qual tenha por bem de vos guardar dos perigos d'este mundo, assim da alma como do corpo.„

De como o infante se despediu do preste João, e se tornou para Hespanha.

D. Pedro e nós todos pozemos os joelhos no chão diante do preste João com muitas lagrimas, pedindo-lhe perdão e a sua benção, e assim partimos mui tristes. Segundo a vida, que n'aquella terra fazem alli folgariamos de ficar, se os d'estas nações n'ella podessem viver. D'alli viemos para Casopia, que era terra de Gudilfe, e fomos ao Mar Vermelho, por onde passaram os filhos de Israel quando vinham do Egypto, fugindo os que eram muitos milhares de homens, mulheres e meninos ao longe do mar achamos até trezentos pilares, que estão por signal por onde passou cada tribu e cada linhagem d'aquelles judeus. Depois que passamos muitas partidas viemos ter ao reino de Fés, d'onde não passamos a Castella.

FIM DA HISTORIA

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA

REGENCIA DO MESMO INFANTE D. PEDRO, MORTO NA BATALHA D'ALFARROBEIRA NO DIA 20 DE MAIO DE 1449

O REINADO do virtuoso D. Duarte tinha acabado com a morte prematura d'este principe, depois de tantas calamidades que no seu tempo affligiram Portugal. Ficava seu successor, el-rei D. Affonso V, de edade de seis annos e o governo do reino nas mãos da rainha D. Leonor. Sentia o povo que a regencia cabia, melhor do que a ninguem, ao infante D. Pedro, duque de Coimbra e o tio do moço rei, que pela sua muita experiencia e saber regeria dignamente os negocios publicos. Os infantes D. João e D. Henrique, irmãos tambem de D. Duarte não pareciam ambicionar a suprema auctoridade; o infante D. Fernando estava captivo em poder dos mouros, e d'elle não tinha a rainha que recear. Ella, portanto, julgou que sendo o duque de Coimbra estimado do povo, e não havendo que temer dos outros cunhados, devia associal-o ao imperio, o que fez, ficando ella com a educação d'el-rei e com a administração da fazenda, e cedendo ao infante o regimento da justiça com o titulo de defensor do reino: além d'isso prometteu a rainha casar o moço D. Affonso com D. Izabel, filha do sobredito infante segundo estava destinado no testamento do rei defuncto.

Tinham-se reunido cortes em Torres Novas: mais nada se provia nos negocios publicos. O conde de Barcellos, filho bastardo de D. João 1.º, trabalhava para que D. Affonso casasse com uma filha do infante D. João, meio-irmão e genro do conde. D'aqui nasceram intrigas contra o defensor do reino, que terminaram por inquietações populares. A nação estimava altamente D. Pedro, e a rainha cada vez lhe coarctava mais a auctoridade: tirou-lhe o regimento da justiça para o dar ao conde de Arriolos filho do de Barcellos, e a administração das cousas publicas cada vez ia peior. O povo de Lisboa foi vexado com fintas particulares, foi em Lisboa que começaram os alvorotos.

O mais notavel é precedendo a desordem de querer o conde Barcellos que el-rei casasse com a filha do infante D. João este se declarou partidario do irmão contra o sogro. Depois de muitas intrigas o povo da capital terminou a questão proclamando regente do reino o infante D. Pedro. O alcaide-mór de Lisboa procurou sustentar no castello, a auctoridade da rainha; mas teve de se entregar ao infante D. João. A rainha retirou-se para Alemquer onde se fez forte; mas as côrtes brevemente confirmaram a mudança de regencia.

N'estas côrtes um dos procuradores pela cidade do Porto quiz que a educação d'el-rei e de seu irmão, o infante D. Fernando fosse confiada ao novo regente, e os principes tirados do poder materno. Muitos se opposeram a tal procedimento, e até D. Pedro recusava; mas venceu por fim a má vontade com que o povo olhava para a viuva de D. Duarte.

Depois d'isto seguiu-se a regencia do infante, que foi inquietado pelos enredos de D. Leonor, até que ella morreu em Toledo. Apezar das commoções dos diversos bandos que laceravam o reino, o regente governou com prudencia, trabalhando em proveito commum, e fazendo todo o bem, ainda aos seus mesmos inimigos. A historia d'esta epocha é um tecido de pequenas intrigas e crimes, que trouxeram um grande e melancholico resultado, a batalha de Alfarrobeira e a morte do virtuoso D. Pedro.

Chegado el rei á edade de quatorze annos, seu tio lhe quiz entregar a suprema auctoridade que o moço principe, ainda não corrompido por perfidos conselheiros, não quiz acceitar. Não cessavam, porém, os enredos do conde de Barcellos já elevado á dignidade de duque de Bragança por aquelle mesmo contra quem conspirava; n'esta conspiração entra tambem o conde d'Ourem filho do duque, o arcebispo de Lisboa e muitos outros que tinham sido partidarios da regencia de D. Leonor. Tanto trabalharam que el-rei pediu por fim ao infante lhe largasse o governo, o que elle promptamente fez rogando unicamente a D. Affonso que casasse com sua filha, segundo o que sobre isto estava ordenado. Com effeito o casamento se concluiu d'ahi a pouco, n'aquelle mesmo anno em que el-rei tomou as redeas do governo que foi em 1448.

Reduzido o duque de Coimbra á condição de um simples particular começaram os seus inimigos a fazer lhe todo o genero de insultos e a torcerem contra elle o animo de D. Affonso, até o induzirem a mandal-o sahir da côrte, ao que D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lh'o ordenassem. Então o duque de Bragança, e os outros que lhe tinham votado mortal odio poderam a seu salvo, levar avante os projectos de vingança, que contra elle tinham concebido.

Para desfazer ao duque de Coimbra, veio á côrte o infante D. Henrique que já então residia no Algarve; mas com tal frouxidão se houve n'este negocio, que os cortezãos em vez de se recearem, continuaram com mais vigor nas suas damnadas tenções, não duvidando affirmar

que D. Pedro havia envenenado el-rei D. Duarte, a rainha D. Leonor, e o infante D. João, tudo por cobiça de mando; que pretendia destronar o sobrinho; emfim publicando as accusações mais absurdas, e os eleivos mais incriveis, que achavam facil entrada no espirito d'el-rei, mancebo inexperiente.

Chegara por este tempo a Lisboa, vindo de Centa, o conde de Abrantes D. Alvaro Vaz d'Almada. Era este um dos cavalleiros de D. João 1.º e o melhor que então havia em Hespanha. Tinha servido ao rei de Inglaterra, ao de França, e ao imperador da Allemanha. Diz se que elle era um dos doze que foram a Inglaterra pelejar em desaggravo das damas inglezas, facto assaz duvidoso, que se lê em nossas historias. O que é certo é que el-rei de Inglaterra o tinha condecorado com a ordem de Liga ou Garrotea, e que o de França lhe dera o condado de Abranches em recompensa dos seus estremeados feitos d'armas. Quando o povo de Lisboa se declarou pela regencia do duque de Coimbra elegeu por seu alferes o valoroso D. Alvaro intimo do duque, e que o foi até morrer. Era o conde de Abranches inimigo capital do conde de Ourem que então muito privava com el-rei. Isto, e a muita liberdade com que elle defendia o infante, fez com que, apesar dos seus serviços e reputação, fosse mal recebido dos cortezãos, que instavam com el-rei para que o mandasse sahir do reino.

Não se resolveu a isso o moço principe porque o seu caracter bellicoso o inclinava aos bons cavalleiros. Uzaram então os fidalgos de um ardil; avisaram, por interpostas pessoas, o conde, que se retirasse da côrte porque elle rei o queria prender, a isto replicou o esforçado D. Alvaro: "*Os meus amigos poder-me-hão visitar n'uma sepultura, nunca em uma prisão.*„ Armado se apresentou no conselho d'el-rei, e em sua presença, depois de desfazer as calumnias que levantavam ao duque de Coimbra, desafiou os seus accusadores, nenhum dos quaes se atreveu a responder-lhe. Vendo os cortezãos quanto de recear era o conde de Abranches e que os seus ardis eram inuteis, fizeram com que el-rei se retirasse para Cintra onde não lhe podessem mover o animo, a favor do sogro e tio, os discursos de D. Alvaro.

Foi de Cintra que el-rei começou emfim a perseguir abertamente o infante D. Pedro.

Prohibiu-lhe que voltasse á côrte, e depois de lhe fazer toda a casta de afrontas e violencias, lhe ordenou que entregasse todas as armas que tinha em Coimbra, para onde fôra residir quando sahira de Lisboa. Foi esta a unica traça de que se lembraram os inimigos do regente para o perderem; porque se entregava as armas ficava á mercê d'elles; se recusava a entregal-as desobedecia a el-rei e elles tiravam d'ahi novo argumento para o accusarem de nutrir intenções sinistras.

O infante respondeu que visto serem baldadas todas as justificações que os seus amigos d'elle davam, não quizesse el-rei tirar-lhe todos os méios de se defender de seus contrarios, e que se carecia de armas, elle lh'as mandaria vir de fóra, estando tambem prompto a pagar-lhe o valor d'aquellas que em seu poder retinha.

O duque de Bragança, seguro do patrocinio d'el-rei, resolveu-se então a affrontar mais vivamente o infante, a quem já vilmente tinha abandonado seu irmão D. Henrique, tão celebre depois pelos descobrimentos que mandou fazer. Preparou-se, pois para passar com mão armada pelos senhorios de D. Pedro, que por conselho do conde de Abranches determinou oppor-se-lhe: querendo porém experimentar primeiramente os meios de conciliação, escreveu ao duque de Bragança pedindo-lhe não quizesse quebrar a paz publica, fazendo-lhe uma affronta, que elle não podia soffrer sem quebra de sua honra. Foi tudo inutil, e portanto o duque de Coimbra partiu com um pequeno exercito a esperal-o. Chegando á vista os dois campos, o duque de Bragança perdeu o animo, e não se atreveu a accommetter o infante, fugiu de noite com pouco sequito, e a gente que com elle vinha se derramou por varias partes, D. Pedro voltou então a Coimbra.

A vergonha que soffrera moveu ainda mais a sanha do duque de Bragança. Persuadiu a el rei que o seu opprobio recaia sobre elle e tanto fez que D. Affonso declarou seu tio rebelde, e começou a fazer preparativos para acabar com elle.

De Coimbra recebeu o infante essa triste nova por uma carta da rainha sua filha em que o avisava que em conselho se decidira que o fossem cercar, e que tomando-o ou lhe dessem a morte, ou prisão perpetua, ou o desterrassem para fóra do reino. Aconselhou-se D. Pedro com os seus sobre tal caso; houve diversos pareceres mas o do conde de Abranches foi que, o infante viesse, acompanhado dos seus, esperar el-rei ao caminho de Santarem, e que lhe pedisse justiça contra os que o calumniavam, ou lhes désse campo com elles para decidirem por via de desafio esta questão, e emfim que se el-rei não accedesse a tão justo pedido, morressem todos pelejando como esforçados. Foi este o conselho que D. Pedro seguiu.

Antes, porém, de partirem, o infante e o conde de Abranches modelo da verdadeira amizade, se ajuramentaram para não sobreviverem um ao outro fosse, qual fosse o resultado de sua triste situação. Aconselhado de sua filha, D. Pedro duas vezes escreveu a el-rei pedindo-lhe perdão de crimes que não commettera; mas tudo foi baldado; a ultima ruina do infante estava decretada pelos seus inimigos.

O duque partiu emfim de Coimbra, mandando adiante seu filho D. Jaime com o grosso da gente que tinha e elle aballou no outro

dia levando comsigo cinco mil soldados de pé e mil cavalleiros. As bandeiras que trazia tinham de um lado escripto (*lealdade*) e do outro (*justiça e vingança*). Ao chegar a Rio-Maior, resolveu-se o infante não ir a Santarem, onde el-rei o esperava com trinta mil homens, mas ameaçar Lisbôa, procurando vingar-se dos seus inimigos, sem se encontrar com o sobrinho e d'ahi voltar a Coimbra por Torres-Vedras e Obidos. Esta resolução mais appressou o desfeixo d'aquella lastimosa tragedia. Em Alcoentre os ginetes e corredores do exercito real vieram escaramuçar com os do infante e elle proprio os ouvia chamar traidor e hypocrita. O conde de Abranches saíu e elles com quasi toda a gente do arraial, e fazendo-os fugir tomou alguns prisioneiros. Irado o infante com as injurias que lhe tinham dicto, mandou enforcar uns e degollar outros, e o conde perseguiu o resto até Pontevel.

Este acto do duque de Coimbra mais accendeu contra elle o animo d'el-rei, que immediatamente marchou a encontral-o com o grosso do exercito. Na Castanheira soube o infante d'esta vinda do sobrinho; e deu então mostras de vir sobre Lisboa; mas chegando proximo a Alverca, mudou de parecer e assentou arraial junto ao ribeiro da Alfarrobeira, em sitio assaz defensivel. Alli o encontrou el-rei, e logo o cercou por todos os lados.

Sahiu o conde de Abranches a reconhecer a força dos adversarios, e voltou a dizer ao infante que nenhum meio de salvação havia. Mandou então el-rei por seus arautos apregoar á roda do arraial de D. Pedro, que, sob pena de serem havido em conta de traidores, todos os que seguiam o duque de Coimbra, o abandonassem; mas além de não produzir effeito algum esta intimação, muitos dos que vinham no exercito real começaram a fugir para o do infante. Em quanto estas cousas se passavam, e talvez fosse possivel suspender um acontecimento fortuito veio pôr termo a esta duvidosa questão.

O ribeiro d'Alfarrobeira era sombreado nas margens por um denso arvoredo. Alguns besteiros d'el-rei abrigados pelas arvores começaram a atirar á gente do infante que estava do outro lado; varias pessoas foram feridas e mortas; os espingardeiros do exercito real, collocados no cimo d'um cabeço, tambem principiaram a fazer fogo contra os do infante. Vendo este, os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros; uma balla foi cahir então junto da tenda d'el-rei. Isto accendeu por tal modo os animos dos soldados que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes. Travada a briga, por mais que pedisse a D. Pedro que se retirasse emquanto era tempo, elle o não quiz fazer, e mettendo se mal armado por entre os contrarios, não tardou a ser atravessado pelo coração com uma setta, do que immediatamente acabou.

Um pagem foi, lavado em lagrimas, dar esta noticia fatal ao conde de Abranches, que andava por outra parte defendendo sua estancia. D. Alvaro com rosto seguro, disse ao pagem que se calasse, e retirando-se á sua tenda comeu e bebeu para cobrar alento e saindo depois a pé pelo arraial, armado de todas as armas, foi logo conhecido pelos d'el-rei já senhores da victoria. Parecia então que todo aquelle exercito se convertia contra um só homem, como um rochedo no meio do oceano. D. Alvaro no meio d'aquellas ondas de soldados, fazia cair a seus pés quantos a elle se approximavam. Cercado de cadaveres, com a espada e armas alagadas de sangue, cançado de vencer caiu no chão e fallando com seu corpo disse: *já vejo que não pódes mais; e tu minha alma já tardas.* Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Alvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar rapazes!* Brevemente expirou á força de muitos golpes, e um fidalgo que fôra seu amigo lhe cortou a cabeça, e a foi apresentar a el-rei. Assim acabaram n'um dia, o homem mais sabio e virtuoso das Hespanhas, e o mais esforçado cavalleiro que n'aquelles tempos havia.

FIM